

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE
CIÊNCIAS RURAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA E
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

José Roberto Garcia Filho

**CARACTERIZAÇÃO AGRÍCOLA DO ASSENTAMENTO DA QUINTA
EM ENCRUZILHADA DO SUL - RS**

Santa Maria, RS, Brasil 2015

PPGEXR/UFsM, RS

FILHO, José Roberto Garcia

Especialista

2015

José Roberto Garcia Filho

**CARACTERIZAÇÃO AGRÍCOLA DO ASSENTAMENTO DA QUINTA EM
ENCRUZILHADA DO SUL - RS**

Artigo de conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lia Rejane Silveira Reiniger

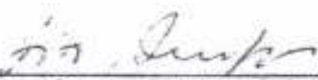
**Santa Maria, RS
2015**

José Roberto Garcia Filho


**CARACTERIZAÇÃO AGRÍCOLA DO ASSENTAMENTO DA QUINTA EM
ENCRUZILHADA DO SUL - RS**

Artigo de conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo

Aprovado em 10 de dezembro de 2015:


Lia Rejane Silveira Reiniger, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)


José Geraldo Wizniowsky, Dr. (UFSM)


Marlene Fátima Brião Muniz, Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, RS
2015

CARACTERIZAÇÃO AGRÍCOLA DO ASSENTAMENTO DA QUINTA EM ENCRUZILHADA DO SUL - RS

CHARACTERIZATION AGRICULTURAL OF SETTLEMENT DA QUINTA EM ENCRUZILHADA DO SUL – RS

José Roberto Garcia Filho¹

RESUMO

Este artigo pretende contribuir na reflexão sobre a importância da reforma agrária e as formas de agricultura por ela promovidas, citando a transição agroecológica como alternativa mais sustentável. Para tanto se desenvolveu uma pesquisa de campo junto ao Assentamento da “Quinta” em Encruzilhada do Sul\RS, buscando constatar o porquê da inexistência da produção orgânica nesse Assentamento. Aplicou-se entrevistas semiestruturadas a 10 agricultores assentados e a dois técnicos de ATER. Constatou-se que a produção é diversificada nos lotes, mas no Assentamento é comum as produções de Amora-preta, uva, milho, feijão, pêssego, maçã e citros, além da criação de suínos, frangos e bovinocultura de leite e corte para auto sustento.

Palavras-chave: Reforma agrária, transição agroecológica, assentamento.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the importance of land reform and forms of agriculture promoted by it, citing the agro ecological transition as an alternative more sustainable. Therefore we developed a field research with the settlement of the "Quinta" Crossroads in South \ RS, trying to find the reason for the absence of organic production this settlement. Applied semi-structured interviews with 10 farmers settled and 2 ATER technicians. It was found that the production is diversified in lots, but the settlement is Joint productions of blackberry, grape, corn, beans, peach, apple and citrus, and the creation of pigs, chickens and cattle milk and cut for self-sufficiency.

Keywords: land reform, Agroecology transition, settlement.

Introdução

Este artigo foi gestado no Residência Agrária – Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo II, que diferencia-se dos tradicionais cursos de especialização, por fundamentar-se nos princípios da multi e interdisciplinaridade. Recorre à participação de diversas áreas acadêmicas com o propósito de abordar a realidade sob diversas perspectivas utilizando a pedagogia da alternância (Tempo Escola e Tempo Comunidade) e a flexibilização dos conteúdos. O artigo apresenta considerações sobre a importância da reforma agrária, que vem sendo organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e, sobre o comprometimento dos assentados com a qualidade da

¹ Tecnólogo em Agropecuária.

produção no Assentamento, considerando-se o potencial dos mesmos para uma transição agroecológica.

Para tanto, temos como referência, o período de vivência realizado junto ao Assentamento da Quinta, na cidade de Encruzilhada do Sul. O período de vivência ou tempo-comunidade é o momento em que o estudante atua no campo, nas comunidades de assentamento. Desenvolve estudos, pesquisas e trabalhos, ou conhece outras realidades do campo. Este espaço é oportuno para que o estudante tenha conhecimento da realidade que vai atuar, para que possa analisar as condições de vida e de trabalho dos assentados, detectando problemas nos assentamentos, atuando com propostas de intervenções para solucionar ou melhorar os problemas detectados.

Observa-se com facilidade que o Assentamento da Quinta apresenta um equilíbrio peculiar, apesar das dificuldades inerentes a qualquer sistema produtivo, na organização da produção nos lotes concomitantemente com as atividades sócio-políticas que envolvem o agricultor no Assentamento. Cabendo neste aspecto, lembrar a afirmação de Eduardo Athayde (2012, p.56), quando diz que “se tivéssemos que eleger uma palavra para traduzir SUSTENTABILIDADE, talvez EQUILÍBRIO fosse a melhor candidata”. Sustentabilidade é a busca do equilíbrio dinâmico entre os complexos contextos da realidade.

Caracterização Do Assentamento “Da Quinta”

O município de Encruzilhada do Sul apresenta uma população urbana de 17.119 habitantes e, uma população na área rural de 7.415 habitantes. A composição étnica do Município é formada por descendentes de portugueses, açorianos, espanhóis, índios, africanos, franceses e poloneses. A densidade populacional é de apenas 0,12 hab/Km² devido a grande extensão territorial do município, que é um dos mais antigos do estado, compondo a Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, tendo ao norte a composição da Bacia Hidrográfica do Baixo Jacuí. A RST 471 faz a divisa frontal com o Assentamento, logo adiante dando acesso direto ao perímetro urbano da cidade de Encruzilhada do Sul, que está distante 45 km de Pântano Grande e 165 km de Porto Alegre (EMATER, 2010).

Criado em 23 de julho de 1996, o Assentamento “Da Quinta” recebeu este nome, em decorrência de ser assim chamada a antiga fazenda que lhe deu origem.

Os assentados procuraram preservar as Áreas de Preservação Permanente (APP) nos lotes, que representam no seu total 6,31% da área do assentamento (EMATER, 2010). O Assentamento está a oito Km da sede do município de Encruzilhada do Sul e conta com 45 famílias em uma área de 986,94 hectares (ha), com 21,93 ha de área média cada lote. O relevo da área do Assentamento é predominantemente plano a suave ondulado. A maior parte da área apresenta inclinação inferior a 10%, constituindo pendentes suaves que totalizam aproximadamente 742,74 ha, o que representa 75,27% da superfície total do Assentamento. O município de Encruzilhada do Sul goza de clima característico das serras, sendo ameno e agradável nas estações da primavera ao verão e frio do inverno ao outono, sendo que, muitas vezes ocorre formação de geadas em plena primavera.

No assentamento, o esmero da grande maioria dos agricultores familiares assentados, na organização e manutenção das áreas de produção de seus lotes e, também, das moradias, conferem ao Assentamento uma apresentação diferenciada.

Outra peculiaridade que desperta a atenção no Assentamento, se deve ao fato das famílias assentadas serem todas naturais dos municípios de Giruá, Liberato Salzano e Salto do Jacuí, praticamente todas oriundas da agricultura, sendo que a maioria das famílias assentadas tem, entre si, laços de amizade e/ou de parentesco.

No local do estudo verificou-se a opção pela produção agrícola e pecuária diversificada, de caráter familiar, ou seja, toda a mão de obra empregada na produção dos lotes, neste Assentamento, advém das famílias assentadas. Verificouse também que a produção se caracteriza pela diversificação, com pomares de amora-preta, uva, pêssigo, maçã e citros, além das criações de suínos, frangos, bovinocultura de leite e corte para autossustento.

Produção Agrícola e a Transição Agroecológica

Esta pesquisa se desenvolveu tendo como objetivo constatar o potencial do grupo de assentados entrevistados para uma possível transição agroecológica nesse Assentamento. Considerando-se que esta produção se constitui como um dos compromissos fundamentais dos agricultores assentados, enquanto membros do MST, o qual traz como uma das principais bandeiras de luta, a soberania e a segurança alimentar.

Então, com o objetivo de destacar a importância e a diferença de uma agricultura politicamente soberana, técnica e ecologicamente sustentável que, conseqüentemente se apresente de forma socialmente justa garantindo, também, a todos os seres que deste alimento dependem, uma garantia mínima aceitável nos índices de nutrientes apresentados pelos cultivos agrícolas, se procura fazer uma forma de “contraponto” com a produção de alimentos da agricultura convencional.

Desta forma, procurando compreender a imposição (por parte do mercado, bem como das empresas prestadoras de assistência técnica e fabricantes de insumos quimicamente sintetizados) deste modelo tecnológico aos agricultores sem nenhuma forma de consideração minimamente séria, ou verdadeira (sem manipulações tendenciosas de índices, padrões e resultados científicos) da gravidade e da extensão dos efeitos conseqüentes deste modelo tecnológico, que busca tão somente a expansão da quantidade da produção agrícola, com monocultivos extensivos irrigados a agrotóxicos e justificado pelo acompanhar do exponencial crescimento da população mundial.

Sabendo-se, por outro lado, que a carência mundial na área da alimentação, se deve principalmente à carência nutricional dos alimentos (frutas, verduras, cereais e sementes) consumidos pela população e não à quantidade deles, como alguns querem fazer acreditar.

Sabe-se também, que este conjunto de características funestas desse sistema produtivo e destas tecnologias são os responsáveis por grande parte das perdas na biodiversidade e, conseqüentemente, no ambiente produtivo. Como exemplo disso podemos citar a morte das abelhas, que estão sendo dizimadas devido a este modelo tecnológico. É importante ressaltar que as abelhas são insetos que, além de serem insubstituíveis na produção de alimentos nobres como o mel, própolis, geleia real e a extração do pólen, também são as grandes “encarregadas” da polinização das flores, sem a qual não há possibilidade de produção agrícola (CINTRA; URBIM, 2013).

O homem, em sua busca pela sobrevivência, alimentação e produção, age e interfere com manejos e técnicas agrícolas que podem prejudicar a curto, médio e longo prazo, tudo que tem vida sobre a terra (NAVARRO, 1992).

Percebe-se, a emergencial necessidade do aprofundamento do debate, junto às comunidades escolares, acerca das tecnologias convencionais “externas”,

utilizadas na nossa produção agrícola. Que se configura, “por si só”, num modelo tão artificializado (simplificado) e agressivo ao equilíbrio natural do meio ambiente, que atrai insetos, fungos e doenças de forma exagerada e descontrolada. Dessa forma, o produtor rural é instigado a utilizar métodos também artificializados e extremamente agressivos (como as aplicações de venenos), sabidamente provocadores do aumento de doenças severas. Entre elas encontra-se o câncer e os distúrbios do sistema hormonal e do sistema nervoso central, devido às contaminações pelos venenos através do ar, do solo e, também, das águas que ingerimos, provenientes principalmente dos rios que invariavelmente tem ligação com as lavouras irrigadas de arroz em suas margens e várzeas. Além disso, é comprovado que, na melhor das hipóteses, apenas 32% dos produtos aplicados por aviões permanecem nas plantas alvo da aplicação (CINTRA; URBIM, 2013).

Neste momento, a necessidade de rever as práticas agrícolas, no sentido do resgate da saúde e da vida, se coloca de forma eminentemente emergencial. Não havendo a menor dúvida de que a humanidade precisa compreender as alternativas necessárias para sua sobrevivência e do ecossistema, assumindo compromisso com a continuidade da vida no planeta. A seleção de espécies, a mecanização, a quimificação na agricultura, conjugadas como “avanço” industrial baseado em fontes de energia poluentes, além dos subprodutos do consumismo desenfreado da humanidade detentora da riqueza, têm provocado a extinção crescente de espécies animais e vegetais do planeta. O Worldwatch Institute estima que na virada para o terceiro milênio 35% de todas as espécies vivas terão desaparecido (ATHAYDE, 2012).

Política de Reforma Agrária

A primeira política pública mais abrangente sobre a reforma agrária se concretizou através do I Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), elaborado em 1985. Esse plano reconhecia a problemática da situação da questão agrária brasileira em virtude do aumento de latifúndios no campo, aliados ao sistema de capitalismo comercial e financeiro. O plano tinha como principais metas a aplicação do Estatuto da Terra e o assentamento de 1,4 milhões de famílias, contudo, ambas não foram implementadas (STÉDILE, 2005).

Em fevereiro de 1985, quando da elaboração do I PNRA (implantado por lei federal em outubro de 1985), da então denominada Nova República (autodenominação do primeiro governo federal civil após a ditadura militarista de 1964 a 1984), foi possível ter acesso direto às estatísticas cadastrais dos imóveis rurais e, qual foi a surpresa: a maioria dos grandes proprietários de terras do país (os latifundiários) residiam ou tinham a sede das suas empresas na região metropolitana da cidade de São Paulo, o centro industrial do país (FERNANDES, 2006).

Essa constatação, pelo acesso às estatísticas oficiais, ainda que já anunciada desde meados da década de 1970 por diversos estudiosos do assunto, indicava que os grandes imóveis rurais no Brasil estavam concentrados nas mãos do capital financeiro e comercial, e não mais, como muitos supunham, nas dos coronéis dos sertões (STÉDILE, 2005).

Após esse período, o processo de lutas por direitos e políticas sociais sofreu um retrocesso a partir do final da década de 1980 e início da década de 1990, com a adoção do modelo neoliberal pelo Estado brasileiro, tendo como pressupostos a reestruturação produtiva do capital, a partir da flexibilização do trabalho e a (contra) reforma do Estado (FERNANDES, 2006).

Com isso, as políticas sociais da última década do século XX passaram a ser reordenadas. Tal reordenamento atingiu a reforma agrária enquanto política pública que passou a se situar na área da chamada reforma agrária de mercado. Assim, foi concretizada no Governo Fernando Henrique Cardoso através do Programa Banco da Terra 2, o qual o Estado, através do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), disponibilizava financiamento a trabalhadores rurais para a compra de pequenas propriedades (STÉDILE, 2005).

Segundo Fernandes (2006), esta foi uma alternativa adotada pelo governo federal na tentativa de amenizar os conflitos agrários, buscando construir uma política de reforma agrária que fosse funcional para os grandes proprietários de terra, valorizando o mercado de terras e tentando enfraquecer a mobilização por desapropriações de latifúndios, através das ocupações de terra.

Assim, durante o período de gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2006), houve a elaboração do II Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), construído principalmente a partir das pressões dos movimentos sociais como forma

de comprometer o Estado enquanto principal responsável pela implementação da política de reforma agrária (STÉDILE, 2005).

Formação do MST: Propostas

A concepção do MST partiu da reunião de vários movimentos de luta pela terra que realizavam ocupações de latifúndios nos estados do Sul e da região Centro-oeste do Brasil. Nesta fase inicial, o MST estava organizado em 13 estados brasileiros e, após alguns anos, teve sua expansão para outros estados. Atualmente está organizado em 24 estados brasileiros e no Distrito Federal (FERREIRA, 2007).

O MST tem como centralidade de seu debate a construção de princípios de uma reforma agrária enquanto política pública que corresponda às necessidades dos trabalhadores rurais, ao mesmo tempo em que contribui para a inserção dos mesmos na luta política, sendo a terra, a reforma agrária e a transformação social os três objetivos principais que norteiam a organização e a luta deste movimento (FERREIRA, 2007).

A partir disso, o MST construiu dois principais documentos sobre a reforma agrária, expressando sua concepção. Essas sistematizações tiveram como meta contribuir com o debate sobre a reforma agrária entre os movimentos sociais de luta pela terra e influenciar políticas públicas em torno dessa problemática (FERREIRA, 2007).

O primeiro documento registrado em 1985, intitulado “Programa de Reforma Agrária do MST”, tinha como princípio geral a luta por uma sociedade igualitária a partir da reforma agrária, através das desapropriações de latifúndios improdutivos, principalmente de multinacionais (FERREIRA, 2007).

Aprofundando a reflexão e a concepção sobre essa política, que adquiriu um significado mais abrangente no processo de luta do próprio MST, foi elaborado um segundo documento, em 1995, denominado de “Proposta de Reforma Agrária do MST”. Este documento tem como principais eixos de ação a democratização da terra, necessidade de mudanças tecnológicas para a agricultura camponesa, organização da estrutura da produção e comercialização, infraestrutura, política agrícola, educação, saúde, direitos humanos e programa ambiental. Isso

corresponde a um conjunto de políticas sociais que associadas à democratização da terra e dos meios de produção, propiciariam condições satisfatórias para a organização da vida de famílias de trabalhadores rurais no campo (FERREIRA, 2007).

De forma geral, o debate sobre essas propostas a partir desses documentos, se tornou um mecanismo central da atuação do MST, na perspectiva de inserir a reforma agrária na agenda do governo e de debater sobre o caráter dessa política pública, de forma a garantir o processo de formulação e implementação desta, com vistas à luta por direitos e como mecanismo de organização dos trabalhadores rurais (FERREIRA, 2007).

Problema De Pesquisa, Objetivos E Hipótese

Fatores Impedintes Da Transição Agroecológica No Assentamento

Na pesquisa de campo realizada no assentamento, no decorrer das entrevistas com os agricultores e também, a partir da técnica da observação participativa, percebeu-se a existência daqueles aspectos técnicos, culturais e políticos mais conservadores que ainda permeiam a assistência técnica destinada aos assentados bem como as estratégias de liderança no Assentamento pelo MST.

A assistência técnica é oferecida pela EMATER-RS, Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento e, também, por algumas empresas agropecuárias do município. Por mais disponibilidade e boa vontade que os profissionais da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e da Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária (ATES) apresentem, os mesmos se mostram “engessados” por uma formação acadêmica tecnológica totalmente voltada para a indústria de sementes modificadas e insumos quimicamente sintetizados, principalmente os medicamentos de uso veterinário e, os inseticidas, fungicidas e herbicidas. Outro aspecto de dependência bastante negativo observado é a persistente e repetitiva orientação, por parte da Ater, para que os assentados acessem as linhas de crédito bancário, sem maiores discussões sobre os riscos de uma futura inadimplência e endividamento, no caso de uma possível frustração na produção do Assentamento.

Dentro desse contexto, surgem também, com muita naturalidade, as conveniências sociais, comerciais, financeiras, etc..., advindas de uma cultura aparentemente local. Isto favorece de outra forma, a um círculo-vicioso que tende a fortalecer o engessamento da ATER em torno da dependência técnica (e talvez, ideológica) de insumos externos (através de relações comerciais e sociais locais) oferecidos pelos grandes conglomerados industriais que dominam, a nível mundial, a fabricação e o comércio de produtos químicos sintéticos, concomitantemente, nas áreas agrícolas e da medicina (humana e veterinária). Considera-se como cultural, a naturalização de imutáveis hábitos, costumes e valores peculiares, apresentados por (remanescentes, comuns à) uma comunidade.

Os assentados apresentam grande preocupação com os altos índices de aplicações de agroquímicos sintéticos e a consequente contaminação ambiental que envolvem o assentamento. Conforme declaração de duas famílias assentadas (trabalho de campo/2015), que afirmam não saber mais a quem recorrer para tratar das crises depressivas do sistema nervoso, que muito tem abalado a saúde e o bem estar da família. Eles ainda declaram, que suspeitam fortemente de terem sido contaminados pelas aplicações diárias de agroquímicos, durante o período da produção, nos parreirais de uva pertencentes às empresas do ramo vinicultor, estabelecidas no entorno do assentamento.

A precariedade do atendimento médico na cidade de Encruzilhada do Sul agrava ainda mais a situação. A grande maioria das famílias assentadas tem consciência do perigo da contaminação pelos agrotóxicos, fazendo questão de cultivar os alimentos para subsistência, sempre de forma orgânica.

No transcorrer das entrevistas, uma das famílias (trabalho de campo/2015), afirma com bom humor, que desistiu de oferecer a produção orgânica na feira, pois os consumidores não admitem uma olerícula com a presença de inseto algum e, nem mesmo qualquer sinal de que algum destes seres tenha habitado uma das olerículas oferecidas. Diversas vezes se deparou com a declaração dos consumidores locais de que preferem alimentos que se destaquem pelas suas características visuais, não interessando a eles saberem de que forma foram cultivados aqueles alimentos.

Entretanto, apesar do significativo (ou elevado) nível de consciência dos produtores assentados, os mesmos precisam atender à demanda solicitada pelos consumidores e, também, pelas agroindústrias que lhes compram a produção, pois a renda monetária dos produtores no assentamento depende totalmente da produção.

E, conforme se percebe na fala do agricultor, não há nesta região, no atual contexto, compreensão por parte dos consumidores e da sociedade para introduzir comercialmente formas de produção orgânica.

A mesma realidade se repete nas produções de maior escala destinadas às agroindústrias que, muitas vezes, oferecem assistência técnica para as produções de seu interesse, invariavelmente impondo estratégias de produção de caráter convencional, com aplicação intensiva de agrotóxicos e áreas relativamente extensas com apenas uma forma de cultivo, sem procurar nenhuma forma de diálogo com os produtores acerca das demais formas de cultivo agroecológicas de que se poderia lançar mão. Assim, pergunta-se: quais são os motivos que levam à inexistência da transição agroecológica no Assentamento da Quinta?

Nesse sentido, foram firmados alguns objetivos na tentativa de entender o problema acima apresentado. O objetivo geral está centrado em constatar as principais dificuldades para a transição agroecológica no Assentamento da Quinta em Encruzilhada do Sul. E, para os objetivos específicos foram determinados: a) Caracterizar a produção agrícola e o modelo de agricultura predominante nos lotes do Assentamento da Quinta, em Encruzilhada do Sul; b) Identificar a importância e a qualidade da produção agrícola para os agricultores assentados.

A hipótese adotada para esta pesquisa é de que o aspecto determinante da inexistência da transição agroecológica no Assentamento da Quinta é o aspecto cultural seguido do econômico, juntamente com o modelo tecnológico adotado no município de Encruzilhada do Sul. Também a partir da opção da ATER na região, que invariavelmente orienta os agricultores a optarem sempre pelo uso das tecnologias mais convencionais, baseadas nos insumos quimicamente sintetizados. E, principalmente a realidade produtiva do entorno do Assentamento, com várias empresas produtoras de uva em sistema de monocultivo extensivo com aplicações intensivas de agrotóxicos durante todo o período de cultivo da uva. Tendo em vista que estas empresas estabelecem relações de trabalho e comerciais com os assentados desde a implantação do Assentamento.

Metodologia

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, aplicadas a 10 agricultores do Assentamento do Quinta, e a dois técnicos de Assistência Técnica e Extensão Rural da (ATER) do Escritório Municipal da EMATER de Encruzilhada do Sul. Deve-se

esclarecer que a escolha dos entrevistados foi indicação do técnico da EMATER em função de receptividade à pesquisa. Segue o roteiro das entrevistas semiestruturadas:

- > 1. Quais são as atividades agrícolas desenvolvidas e que criação animal é efetuada no lote?
- > 2. Amora-preta e uva são os carros-chefes no sentido de comercialização? Para quem comercializam? Qual a importância da empresa Valduga na proximidade do Assentamento?
- > 3. Qual é o destino dos demais produtos? Venda, troca, autossustento? Descrever para cada produto o seu ou seus destinos.
- > 4. Caracterização dos lotes estudados: área, infraestrutura, água-poços artesianos, galpão, casa e demais benfeitorias, atividades agrícolas e criações animais, distância da empresa Valduga.

Resultados

No decorrer das visitas, durante a pesquisa de campo, evidencia-se que um dos principais impedimentos para a transição agroecológica consiste na grande área de produção em sistema de monocultivo extensivo convencional pelas empresas que estão estabelecidas no entorno do Assentamento. Os assentados mantêm expressivas quantidades de aplicações diárias de agrotóxicos, durante todo o período de cultivo da uva. Percebe-se que o nível de dependência dessas culturas por agrotóxicos se deve às tecnologias utilizadas em todo o entorno do Assentamento da Quinta. Pois a existência de algumas empresas de significativo porte, produtoras de uva no entorno do Assentamento favorecem fortemente a disseminação destas tecnologias.

Estas empresas têm estabelecido relações de trabalho e parceria com os assentados ao longo dos anos e, apesar de muitos assentados não gostarem de usar agrotóxicos, a maioria deles aprendeu a trabalhar com produção de uva em sistema de monocultivo extensivo nestas empresas, pelas quais nutrem uma certa gratidão por terem ali adquirido o conhecimento prático no cultivo das uvas, bem como pela oportunidade de trabalho remunerado que lhes foi oferecido quando necessitaram.

Percebe-se também, que a dependência tecnológica se deve bastante a uma antiga e persistente carência por parte dos assentados de uma assistência técnica

que pudesse oferecer informações e alternativas viáveis com a oferta de tecnologias mais sustentáveis, naturais e não poluentes. Sendo que até mesmo as análises de solo solicitadas a ATER, segundo alguns assentados, chega a demorar um semestre até a conclusão dos laudos sobre as análises. Deixando assim os produtores desacreditados da viabilidade desta tecnologia no Assentamento.

Constatou-se uma produção diversificada nos lotes: amora-preta, uva, milho, feijão, pêssego, maçã, citros, criação de suínos, frangos, além de bovinocultura de leite e de corte para autossustento. Sendo que a principal importância da produção para os assentados consiste em obter alimentos de ótima qualidade para o consumo da família, seguida da economia. Esses alimentos servem preferencialmente para a subsistência da família e, portanto, preza-se pela qualidade. Os aspectos econômicos são de caráter secundário, tendo em vista que o principal critério para haver a comercialização é o excedente da produção.

Os agricultores assentados comercializam a amora preta – “carro-chefe” no assentamento – com diversas entidades. Entre elas, pode-se destacar a Associação dos Fruticultores (localizada no assentamento Segredo Farroupilha), as empresas Casa Valduga (com filial no Assentamento) e Adega Casa Madeira/Ltda, de Bento Gonçalves/RS, com a “Morango Sul”, localizada em Canguçu/RS e com a Fragole de Pelotas (agroindústria que fabrica geleia, cucas e sucos), com a empresa “Lizarute”, localizada no Bairro Pinheiral em Santa Cruz do Sul e, também, para fruteiras da região. Além da empresa “Lídio Carrara” que se localiza também nas proximidades do Assentamento da Quinta, na qual alguns agricultores assentados prestam serviços assalariados e obtêm conhecimentos práticos que, posteriormente aplicam e desenvolvem de forma efetiva em seus lotes.

Parte do comércio das frutas acontece com os consumidores de Encruzilhada do Sul (no meio urbano). Sendo que a produção de uva é comercializada com as mesmas empresas citadas acima, e o restante vendido in natura e processado em sucos e vinhos para comércio no lote.

Boa parte dos agricultores considera muito positiva a “parceria” com a Casa Valduga. Alguns, inclusive, ainda prestam serviço assalariado à empresa (da mesma forma que na empresa “Lídio Carrara”), obtendo assim, um importante incremento na renda e conhecimentos práticos na lida com os parreirais. Chegando alguns a afirmar que a existência da empresa foi determinante para a implantação dos parreirais de uva no assentamento.

Alguns outros produtos do assentamento são comercializados diretamente com os consumidores, através de feiras, como é o caso do leite, queijos, doces (mumu), carnes de bovinos e suínos, peixes, torresmo, banha, ovos e citros.

Alguns produtos, de caráter anual, como o milho verde, mandioca, bata doce e abóbora, são utilizados para subsistência e o excedente é comercializado com a CONAB. Uma parte da produção da uva, maçã e pêssego, quando coincide o período de colheita dos produtos, também é vendida para a CONAB.

Portanto, evidenciou-se a necessidade do debate sobre o intenso avanço da agricultura convencional e seus efeitos, aprofundando e qualificando o debate em torno das alternativas que considerem os aportes científicos oferecidos pela Agroecologia, de forma a viabilizar a efetividade de sistemas agrícolas mais sustentáveis e humanizados, tal como já foi citado anteriormente.

1ª Família

No que se refere à produção, o carro-chefe é a amora preta, atualmente comercializada com a agroindústria Fragole de Pelotas. Também produzem geleia,ucas e sucos vendidos na região. A família comercializa com fruteiras da cidade de Santa Cruz do Sul e, também com a empresa Lizarute (do Bairro Pinheiral, Santa Cruz do Sul). Da uva que não é vendida para consumo in-natura, se faz suco e vinho para comércio no lote. Também produzem batata-doce, aipim e hortaliças para consumo, além da piscicultura, avicultura e bovinocultura.

Quadro 1 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade
> Área de 22 há > Água de vertente > Um galpão para ordenhar as vacas, fechado com madeira, de piso de “chão”, coberto de telhas > Um galpão para depósito de caixas e vasilhames e para guardar um trator Agrale (micro) > Uma encerra de madeira para porco, com 3m ² assoalhado > Uma casa de alvenaria 63m ² , que era usada por um antigo morador e hoje, a
família utiliza para depósito de vinhos e garagem > Casa de moradia da família, em alvenaria com aproximadamente 100m ²
Criação Animal

<ul style="list-style-type: none"> > 6 tanques de peixes; dois medindo 300m², um de 200m², 144m², 150m², e outro de 529m². (carpa, jundiá e tilápia) > Galinhas > 3 vacas de leite
Fruticultura
<ul style="list-style-type: none"> > Amora preta (0,8ha) > Uva - Francesa, Bordô e Isabel (1ha)
Culturas Anuais
<ul style="list-style-type: none"> > Batata doce - Aipim – Hortaliças

Fonte: Trabalho de campo/2015.

2ª Família

A fruticultura em geral é o principal produto comercializado, sendo que a amora é comercializada com a “Adega Casa Madeira” do Município de Bento Gonçalves/RS e com a Industria de Alimentos Fragole, de Pelotas- RS. A maior parte do comércio das frutas, acontece com os consumidores de Encruzilhada (do meio urbano). De toda produção destinada para venda, também é retirada uma parte para o consumo da família (autossustento). O leite é transformado em queijo, para consumo e venda, assim como as carnes das aves, os ovos, a carne de gado e a de origem suína que também se transforma em torresmo e banha tanto para o autoconsumo como para comercializar.

Quadro 2 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade
<ul style="list-style-type: none"> > Uma casa de moradia em alvenaria com aproximadamente 96m² > Um galpão destinado para guardar maquinário e ferramentas manuais bem como sementes. Medindo 88m² > Um galinheiro. > Uma encerra para suínos, com piso de pedra, parede de madeira e coberto com telhas, dividido em 04 partes 30m² > Uma encerra de alambrado para suínocultura com 1ha.
Criação Animal
<ul style="list-style-type: none"> > Piscicultura: 04 tanques de 20mx30m (carpa, jundiá e trairão) > Bovinocultura: 10 animais de corte e 6 para leite > Avicultura: Galinhas (50) > Ganso (10) > Suínocultura: (14)
Fruticultura
<ul style="list-style-type: none"> > Amora – Uva – Ameixa – Pêssego – Maçã > Laranja – Bergamota – Lima

Culturas Anuais
> Milho (área no final da propriedade- ver área total) > Aipim - Batata doce – Abóbora

Fonte: Trabalho de campo/2015.

3ª Família

Comercializa uma boa parte de sua produção de amora preta (principal produto) com a empresa Valduga. Além disso, realiza a venda de leite e queijos na feira de Encruzilhada do Sul.

Quadro 3 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade
> Água de poço cavado manualmente a pá, com(2,5m de fundura). > Casa (moradia da família) de alvenaria, coberta com telhas de amianto. Aproximadamente 100m ² . > Uma encerra para suínos com 21m ² , assoalho de madeira e paredes laterais também de madeira. > Uma “estrebria” para as vacas de ordenha com 28m ² e piso de pedra (retirado da propriedade). > Um galpão com três “varandas” laterais medindo um total de 77m ² . Utilizado para abrigar carroças, lenha, trilhadeira, e demais implementos e ferramentas.
Criação Animal
> Piscicultura > Bovinocultura: 10 animais para leite > Avicultura: Galinhas > Suínocultura
Fruticultura
> Amora – Uva – Ameixa – Pêssego – Maçã > Laranja – Bergamota – Lima
Culturas Anuais
> Uva – Amora – Milho – Aipim > Apicultura (muito fraca e morrendo).

Fonte: Trabalho de campo/2015.

4ª Família

Segundo relato da família, 50% da produção de amora (de um total de 1ha) é comercializado com a empresa Casa Valduga. Esta família manifesta que a

importância da empresa Valduga é muito positiva no Assentamento, pois, segundo eles, se não fosse a empresa não haveria plantio de uvas nos lotes.

Quadro 4 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade
> Uma casa de moradia em alvenaria > Um galpão destinado para maquinário e ferramentas
Criação Animal
> Piscicultura: pesque e pague e comercio de peixes > Bovinocultura: de corte e leite para produção de mumu > Suínos: carne, torresmo e banha para comercio
Fruticultura
> Caqui para comercio
Culturas Anuais
> Milho: produzido para o consumo dos porcos e do gado

Fonte: Trabalho de campo/2015.

5ª Família

A amora e a uva, principais produtos do lote, são comercializados com a Associação dos Assentados do Assentamento Segredo Farroupilha e, posteriormente com a “Fragole”, com a “Casa Madeira”, com a “Valduga” e, também, com a “Morango Sul” de Canguçu.

Quadro 5 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade
> Uma casa de moradia em alvenaria > Um galpão destinado para maquinário e ferramentas
Criação Animal
> Bovinocultura: de corte para consumo > Suínos
Fruticultura
> Amora preta – Uva – Maçã – Pêssego – Citros
Culturas Anuais
> Milho – Feijão - Mandioca – Batata Doce

Fonte: Trabalho de campo/2015.

6ª Família

Neste lote as culturas anuais são comercializadas com a CONAB. Produzem bovinocultura de leite para comércio, suinocultura de corte para subsistência, sendo que a “sobra” é comercializada. Tem ainda avicultura de corte e postura, para subsistência e comércio do excedente. A uva e amora preta são comercializadas com a empresa Lídio Carrara, próxima ao Assentamento, com quem mantem relações de trabalho, pois atribui toda sua experiência adquirida no manejo com as uvas.

Quadro 6 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade
> Um galpão de 42m ² para depósito da produção e insumos > Um galpão de 48m ² para ordenhadeira mecânica > Uma casa de moradia, de alvenaria, com aproximadamente 96m ²
Criação Animal
> Bovinocultura: de corte para consumo > Suínos > Avicultura > Piscicultura: 2 tanques com carpa e jundiá, de 120m ² cada um, para subsistência e comércio do excedente.
Fruticultura
> Laranja - bergamota pokan - amora preta (1/2ha) > Citrus (1 ha) p/comércio e consumo > Amora preta (1/2ha) comércio – C/empresa Lídio Carrara > Uva (2ha) comercializados com empresa Lídio Carrara.
Culturas Anuais
> Milho – feijão - mandioca - batata-doce

Fonte: Trabalho de campo/2015.

7ª Família

A amora preta juntamente com o leite constitui o principal produto. Esta família considera muito importante a colaboração da empresa Valduga com os assentados, pois segundo eles, cerca de 30% dos filhos dos assentados trabalham nesta empresa. No que se refere ao excedente da produção, a laranja, o leite, a bovinocultura de corte, a batata, a abóbora e a mandioca são vendidos na feira de

Encruzilhada. A Amora preta é comercializada com a Valduga e também para empresas de Pelotas e de São Paulo.

Quadro 7 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade
> Um galpão para depósito da produção e insumos bem como para guardar ferramentas > Uma casa de moradia, de alvenaria
Criação Animal
> Bovinocultura: de corte e leite > Piscicultura: carpa, jundiá, cat-fisch, piava e pacú
Fruticultura
> Laranja > Citrus > Amora preta
Culturas Anuais
> Mandioca - batata-doce - Abóbora

Fonte: Trabalho de campo/2015.

8ª Família

Neste lote a produção de milho verde, mandioca, bata doce e abóbora, são entregues para a CONAB. Uma parte da produção da uva, quando coincide o período de entrega dos produtos, também é vendida para a CONAB. Meio hectare de uva “chardonet” é vendida para a empresa Lídio Carrara e dos outros 3 ha de uva são fabricados vinho para comércio direto ao consumidor. A bovinocultura de leite e corte é totalmente para subsistência assim como a suinocultura (banha, carne e torresmo) e a avicultura.

A família relatou que não concorda com as práticas de negociação comercial da empresa Valduga, para compra da produção de frutas dos assentados. Eles se sentem incomodados com o descumprimento por parte da empresa, dos acordos e prazos firmados por ela no momento da compra da produção. Comercializando assim, a sua produção com outras empresas.

Quadro 8 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade

<ul style="list-style-type: none"> > Um galpão de 30m² de piso, para garagem do trator e implementos e ferramentas > Um galpão de 24m² de chão > Um galpão de 48m² com metade chão e metade de assoalho de madeira > Um galpão de 32m² para abrigo e ordenha manual das vacas > Um chiqueiro de 24m² assoalhado > Um galinheiro de 6m² de chão cercado de madeira e coberto de telha > Uma casa de moradia, de alvenaria com aproximadamente 96m²
Criação Animal
<ul style="list-style-type: none"> > Bovinocultura: de corte e leite > Suínocultura > Avicultura de postura e corte
Fruticultura
<ul style="list-style-type: none"> > Uva > Amora preta
Culturas Anuais
<ul style="list-style-type: none"> > Mandioca - batata-doce - Abóbora – Milho

Fonte: Trabalho de campo/2015.

9ª Família

O carro chefe do lote é a uva, comercializada com a “Casa Madeira”, empresa que segundo afirmam os assentados é sócia da Casa Valduga. A família considera muito importante as relações com a empresa Valduga.

A maçã e o pêssigo são entregues para a CONAB, com exceção deste ano, que no período da entrega dos produtos, os mesmos ainda não haviam atingido o ponto de maturação necessário para colheita. O milho (5 ha) é utilizado para consumo e trato dos animais. A batata doce, aipim e abóbora não são vendidos, sendo consumidos como subsistência. A bovinocultura (cinco cabeças para leite e 12 para corte) é destinada para consumo e o excedente para venda. Possui avicultura para consumo e excedente para venda, assim como a produção de ovos.

Quadro 9 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade
<ul style="list-style-type: none"> > Um galpão de 70m² para depósito de grãos e para guardar ferramentas > Um galpão de 40m² para garagem de dois tratores Agrale (micro) e seus implementos > Um chiqueiro de 12m² assoalhado com madeira. > Uma peça de 8m² para depósito de venenos. > Uma casa de alvenaria com aproximadamente 96m²
Criação Animal

> Bovinocultura: de corte e leite > Suinocultura > Avicultura de postura e corte
Fruticultura
> Uva > Maçã > Pêssego
Culturas Anuais
> Mandioca - batata-doce - Abóbora – Milho

Fonte: Trabalho de campo/2015.

10ª Família

O produtor afirma que só vendeu para a “Casa Valduga” no ano de 2014. E, que hoje a empresa tem ajudado pouco, embora a família afirme que, de todas as empresas com que já comercializaram sua produção, a “Casa Valduga” é a empresa que melhor se relaciona comercialmente com os produtores assentados.

Da produção de frutas, a uva, maçã e kiwi se destinam somente para o consumo da família. O produtor afirma que, já nos próximos dois anos, acredita que irá dispor de uma produção de kiwi bem maior e suficiente para comercializar e atender a demanda da cidade de Encruzilhada. A produção de leite se destina a fabricação de queijo para comércio. As criações de porco e galinhas também se destinam ao consumo, sendo que tanto estas criações como a de gado eventualmente são comercializadas com algum vizinho ou familiar.

Quadro 10 – Dados do Lote.

Estrutura da Propriedade
> Um galpão de 70m ² para depósito de grãos e para guardar ferramentas > Um chiqueiro de 12m ² assoalhado com madeira. > Uma casa de alvenaria com aproximadamente 96m ²
Criação Animal
> 12 cabeças de gado de leite > 20 galinhas > 05 porcos
Fruticultura
> Pêssego - amora preta – laranja > bergamota - kiwi - uva
Culturas Anuais
> Mandioca - batata-doce

Fonte: Trabalho de campo/2015.

Figura 01 – Vista do pomar de maçãs.

Figura 02 – Produção de maçã e amora preta.



Fonte: Trabalho de campo/2015.

Fonte: Trabalho de campo/2015.

Figura 03 – Produção de pêsegos.

Figura 04 – Destaque da produção de pêsegos e amora preta.



Fonte: Trabalho de campo/2015.

Fonte: Trabalho de campo/2015.

Figura 05 – Pomar de amora preta.



Fonte: Trabalho de campo/2015.

Figura 06 – Pomar de amora preta.



Fonte: Trabalho de campo/2015.

Figura 07 – Pomar de amora preta

amento da Quinta.



Fonte: Trabalho de campo/2015.

Figura 08 – Produção e acondicionamento de amora preta no Assenta-



Fonte: Trabalho de campo/2015.

Considerações Finais

Embora as políticas de reforma agrária por si só não proporcionem a superação das condições estruturais da sociedade, elas se configuram como um importante instrumento no espaço de disputa entre as classes sociais.

A partir deste entendimento, percebe-se que o MST contribui para o debate sobre a forma de organização, ao mesmo tempo em que contribui para atender as demandas sociais.

Referências

BARBOSA LOPES, S. **Arranjos Institucionais e a Sustentabilidade de Sistemas Agroflorestais: uma proposição metodológica**. 2001. 184 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

BEUS, C. E.; DUNLAP, R. E. Agricultura Convencional versus alternativa: as raízes paradigmáticas do debate. **Rural Sociology**, nº 55, v. 4, 1990. p. 590-616.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.1, n.1, p. 16-37, jan./mar. 2003. Disponível em: <<http://www.projetovidanocampo.com.br>>. Acesso em: 23 mai. 2014.

CINTRA, L.; URBIM, E. Permitimos substâncias proibidas na Europa e importamos produtos banidos pela China. Somos campeões no consumo de defensivos agrícolas condenados em outros países. Por que o Brasil usa tanto agrotóxico? **Superinteressante**. Editora Abril. Edição 327 – dez/2013. Disponível em: <<http://www.mananciais.com/diario/Super-Interessante-Edicao-Verde-dezembro2013.txt>>. Acesso em: 02 out. 2015.

ATHAYDE, E. Estado Do Mundo: Rumo A Prosperidade Sustentável. RIO+20. Salvador: Ed. Uma, 2012. Disponível em: www.worldwatch.org.br/estado-2012.pdf.

EMATER-ASACAR. **Plano de Recuperação do Assentamento da Quinta**. 2010.

FERNANDES, B. M. **Agronegócio e Reforma Agrária**. São Paulo: Inédito. 2006.

FERREIRA, M. M. E. **Breve reflexão sobre o MST e a política de reforma agrária no Brasil**. 2007 Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoJ/cfcadf9ec5bda36ebf29Michelly.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2015.

NAVARRO, M. G. de M. Agroecología: Bases Teóricas para una Historia Agraria Alternativa. **Revista Agroecología y Desarrollo**, Chile: CLADES, número especial 4,1992.

STÉDILE, J. P. **A questão agrária no Brasil.** Programas de reforma agrária: 1946 – 2003. v.3. São Paulo: Expressão Popular, 2005.